

DOI: 10.20911/21799024v13n2p62/2022

A importância da religião na visão de Panikkar

Hugo França de Souza ¹

Resumo: A religião faz parte da vida do ser humano. Ela é um caminho que dá sentido, orientação à vida. O presente artigo procura apresentar, a partir do pensamento de Raimon Panikkar, que Deus não é patrimônio exclusivo de uma única religião, nem denominador comum para todas as religiões. A manifestação de Deus na história é plural assim como as religiões o são. Panikkar mostra que toda religião oferece caminho de crescimento ao homem. Por isso, é necessário deixar de lado o preconceito contra as demais religiões. Panikkar ainda afirma que não há religião anônima. Cada uma delas tem um nome carregado de vitalidade. Desse modo, cada fiel deve conhecer e valorizar sua religião e estar aberto para manter sempre um diálogo respeitoso com as demais religiões.

Palavras-chave: Religião. Caminho. Valor. Pluralismo. Diálogo.

Abstract: Religion is part of human life. It is a path that gives meaning and direction to life. This article presents, from Panikkar's thought, that God is not the exclusive heritage of a single religion, nor the common denominator for all religions. God's manifestation in history is plural, just as religions are. Panikkar shows that every religion offers man a path of growth. Therefore, it is necessary to put aside prejudice against other religions. Panikkar further claims that there is no anonymous religion. Each of them has a name full of vitality. In this way, each believer must know and value their religion and be open to always maintain a respectful dialogue with other religions.

Keywords: Religion. Way. Value. Pluralism. Dialogue.

¹ Mestrando em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE (MG). E-mail: hugofranca1985@hotmail.com.

Introdução

Raimon Panikkar (1918-2010) é sem sombra de dúvida um dos nomes mais relevantes para aqueles(as) que desejam se aprofundar no tema da religião. Além de apresentar um rico conhecimento teórico a partir de seus escritos, fornecendo as grandes linhas para uma filosofia da religião atenta ao pluralismo religioso, Panikkar também deixa claro a sua própria experiência no contato prático-existencial com outras religiões.

Nesse sentido, a sua vida foi marcada pela abertura às demais religiões, especialmente ao hinduísmo e ao budismo. Isso faz dele alguém que entende em profundidade o valor e a importância que existem, em primeiro lugar, na sua própria religião sem, contudo, deixar de reconhecer a importância das demais religiões. Panikkar não defende a sua religião como a única, melhor ou correta ao modo de um apologeta; ele aceita e respeita as demais religiões e tradições religiosas na mesma medida em que percebe nelas, homeomorficamente, o sentido e o valor presentes na sua religião.

Nesse sentido, Panikkar consegue identificar que a manifestação de Deus acontece também em outras religiões. Um Deus que só pudesse manifestar-se na exclusividade de uma única religião seria um *Deus diminutus*, um Deus apenado que nada tem a ver com o Criador do céu e da terra do Credo monoteísta. A partir da relação de diálogo respeitoso com as religiões, Panikkar procura refletir a importância que a religião - e que cada religião - tem para o ser humano. Panikkar oferece uma visão pluridimensional da religião a partir da pluridimensionalidade do ser humano. (ver: PANIKKAR, 2016, p. 58-115). A partir de sua capacidade de refletir e dialogar, Panikkar abre espaço para uma relação positiva, deixando de lado todo tipo de preconceito sobre a outra religião e proporcionando um caminho de crescimento em todas as denominações religiosas.

O desejo de abertura para a religião do outro é fruto da realidade familiar que o próprio Panikkar experimentou dentro de sua família. O pai professava a religião hindu, enquanto sua mãe era profundamente católica. Em razão desse ambiente familiar profundamente respeitoso, já iniciado pelos seus progenitores, compreende-se, em boa medida, a atitude de abertura de Panikkar ao universo religioso plural.

E, assim, o presente trabalho é desenvolvido levando em conta três pontos relevantes no pensamento de Panikkar. Primeiro, se existem religiões anônimas; depois, o valor que tem cada religião; e, por fim, a importância do diálogo respeitoso entre as religiões.

1. Existem religiões anônimas?

A partir de sua experiência com outras religiões (hinduísmo e budismo e suas respectivas tradições e denominações), Panikkar levanta o questionamento sobre a existência de alguma religião anônima. Para responder tal indagação, é necessário descobrir o que seja realmente religião. "A tese deste seu estudo é

a de que a religião não é uma coisa, nem uma entidade, nem um conceito, nem uma noção, mas um nome, uma palavra” (PANIKKAR, 2016, p. 260), e mais ainda, um símbolo (PANIKKAR, 2015, p. 392).

Diferentemente dos conceitos, os símbolos são polissêmicos. O símbolo é relativo, no sentido de que a relacionalidade lhe é constitutiva; pretende ser concreto e imediato, falar imediatamente a quem o percebe, sem necessidade de explicações ulteriores, e ao alcance não somente dos sábios e entendidos. O símbolo requer um sentido global que não exclui a razão, mas tampouco se reduz a ela. Com efeito, há muitos conceitos de Deus, mas nenhum deles o “concebe”. “Se compreendes, não é Deus”, dissera Agostinho. Se Deus fosse um conceito, seria uma criação de nossa razão, um *noema*. No símbolo está o simbolizado. O símbolo é um mediador, não um intermediário. Na religião está o homem no mundo conectado com Deus (salvação, libertação), e vice-versa. “Deus” é certamente um grande símbolo da religião, não, porém, o único. (Panikkar, 2016, p. 233-234).

Que a religião não é uma coisa, uma existência particular, uma substância, deveria ser aceito praticamente por todos. Com efeito, uma coisa, uma entidade chamada religião não existe para ser encontrada em algum lugar entre outras coisas. A religião engloba o todo da realidade cosmoteândrica (PANIKKAR, 2026, p. 390-391). Do mesmo modo, religião não é um conceito. Um conceito é produto de nossa faculdade de pensar; um conceito pensado não pode prometer conduzir o pensante à sua salvação. (Ibid., p. 262). A religião é algo que tem uma dimensão de vitalidade, e por isso, afirma que seja um nome, uma palavra. De fato, um nome não é uma coisa nem um conceito. Nome é uma realidade potente e até perigosa. Dar nome (aos seres) é uma atividade humana cheia de responsabilidade, pois o nome dado expressa o mais característico de um ser. O nome “religião” expressa a *ligação*, a relação cosmoteândrica. Do mesmo modo, uma religião sem nome (anônima) não é uma religião. (PANIKKAR, 2016, p. 265).

A indagação sobre a existência de religião anônima passa a ser importante a partir de três importantes características do nosso tempo. Primeiro que a globalização favorece a circulação das pessoas por vários lugares, e com isso, essas pessoas têm conhecimento de outras expressões religiosas. Depois, devido à crise interna na própria civilização, o ser humano é forçado a sair em busca de resposta que mais lhe conforte ou agrade a partir do que é colocado por cada religião. Por fim, o desejo ocidental de querer entender tudo de um único modelo de inteligibilidade (PANIKKAR, 2016, p. 260).

Essas três características supracitadas aparecem especialmente quando um processo de comparação tem lugar. Isso porque tal processo já exige, por parte daquele que compara, uma abertura para o lado desconhecido. Ainda, aquele que compara precisa, de certo modo, relativizar partes de suas convicções para melhor entrar no mundo novo totalmente desprovido de julgamento. E por último, ter confiança em algo que seja maior que ele possa exercer como parâmetro de confiança. (PANIKKAR, 2016, p. 260).

Com isso, fica visível a crise que passam a viver as religiões monoteístas

diante da pluralidade de religiões que também buscam ganhar cada vez mais espaço na sociedade com suas propostas doutrinárias. “Nosso conceito de religião está em crise porque o pluralismo religioso pôs a descoberto a pluralidade religiosa e, com ela, a insuficiência do nosso conceito ocidental teísta (monoteísta) de religião” (SUREKI, 2018, p. 1177). É preciso recordar que o ser humano é por natureza um ser cheio de curiosidades. E ao ter contato com outras culturas sempre vai acolher algo de novidade, o que pode provocar também um enriquecimento para a (sua) vida pessoal, religiosa e social. “Quase todo grupo humano quer aprender com as outras tradições, seja para se enriquecer, seja para superá-las ou para refutá-las. Mas comparar é mais do que aprender ou criticar” (PANIKKAR, 2016, p. 261).

Como bem destaca Panikkar, a atitude de comparação que acontece em relação à outra religião não deve ser no sentido de simplesmente afirmar ou negar o que seja correto ou errado na outra religião. É preciso reconhecer que cada religião tem sua forma de orientar o caminho para seus fiéis poderem atingir sua meta, tal como seja o caso de encontrar-se com a sua divindade (Deus). “Difícilmente pode-se negar a existência do fenômeno religioso como algo que, de alguma forma e muitas maneiras, marca a vida e a cultura dos povos” (OLIVEIRA, 2013, p. 13).

Para uma melhor segurança na compreensão da noção do que seja realmente religião é necessário, porém, uma fundamental atitude de abertura para contemplar as demais religiões sem fazer juízo de valor sobre elas. “Supostamente, tentamos entender melhor a noção de religião comparando as religiões. Essa é uma opção bastante correta” (PANIKKAR, 2016, p. 261), mas também deficitária sempre e quando os critérios da comparação são arbitrários ou superficiais.

Na busca de descobrir o que seja realmente uma religião, não se pode deixar de reconhecer que toda cultura influencia a religião, como também a religião influencia a cultura. Senão a principal, a religião é uma das principais expressões de uma cultura. Em razão disso, ao lançar um olhar sobre uma outra religião, este olhar já carrega consigo os traços de sua cultura originária. “Podemos assimilar outra cultura e rejeitar alguns princípios explícitos ou certos costumes de nossa cultura anterior, mas ao fazê-lo contribuimos para criar uma nova cultura cujas origens não podemos anular” (PANIKKAR, 2016, p. 261).

É preciso supor que o contato com uma outra religião não pode ser ou não deveria ser algo negativo, mas sim um processo de enriquecimento mútuo, não apenas no que concerne à relação do ser humano com a fé ou divindade que ele professa, mas também, ao conhecimento da forma de vida na qual o homem vive inserido e comprometido com a sociedade. A religião é um constitutivo (mais ou menos impregnante) dessa forma de vida e, por isso, ganha um sentido que não pode de forma alguma ser deixado de lado, desvalorizada. “Falar de religião faz sentido, não é um discurso vazio; refere-se a algo que não é uma coisa atoa” (PANIKKAR, 2016, p. 261).

Diante do que apresenta Panikkar, falar sobre religião é falar de algo essencial na vida e para a vida do próprio ser humano. Consequentemente, é

necessário abertura para reconhecer que não existe a melhor religião, a mais perfeita, a mais correta ou que uma tenha a divindade mais poderosa do que as demais. É necessário reconhecer e acolher o que é particular em cada religião sem juízo de valor de uma sobre a outra. “Numa palavra, trata-se de compreender o fenômeno da religião, que é uma dimensão da existência humana, no contexto de uma teoria do ser humano em sua integralidade, que, por sua vez, se faz no contexto de uma teoria do ser em si mesmo e em seu todo” (OLIVEIRA, 2013, p. 14).

Panikkar procura deixar claro que a reflexão sobre o tema da religião não pode ser, de forma alguma, algo secundário na vida do ser humano porque cada religião tem a sua visão de mundo e esta engloba o próprio ser humano, e, assim, esse assunto é parte constituinte de sua existência. (PANIKKAR, 2016, p. 261).

Também é certo que mesmo a religião sendo algo essencial para o ser humano, não se pode deixar de identificar que muitos não aceitem ser mencionados como religiosos ou pertencentes a alguma denominação religiosa. Porém, eles têm em suas próprias atitudes muitos elementos que expressam profundas semelhanças com pessoas fielmente religiosas. “Muitos rejeitam a própria noção de religião, declarando-se a-religiosos. Mas, embora afirmem isso, muito provavelmente podem adotar para suas vidas a mesma atitude básica de muitos outros que professam ser religiosos” (PANIKKAR, 2016, p. 262).

Certamente existem várias compreensões do que seja realmente religião, assim como há variações ao longo da história dos perfis sob os quais se identificavam um homem religioso. As práticas religiosas que identificavam um fiel como um bom católico na Idade Média, por exemplo, não mais corroboram, do mesmo modo, para o Período Contemporâneo. Vale dizer que a compreensão cristã de Revelação Divina apresentada no Concílio Vaticano II difere qualitativamente daquela apresentada pelo Concílio anterior. E, assim, o primeiro fruto produzido por um estudo comparativo é o de que a religião não é uma coisa nem um conceito.” (PANIKKAR, 2016, p. 263).

A religião é um fenômeno na história, e devido a esse fator temporal vai também adaptando-se às novas circunstâncias, tempos e lugares, renovando-se nas suas práticas e orientações, atualizando-se nos seus discursos religiosos, repondo com criatividade o caminho que os fiéis devem seguir. “Em suma, as religiões não são coisas em si, não são essências separadas, não são rótulos nominalistas. São palavras: e as palavras têm vida própria, estão incorporadas na história e são poderosas. Religião é uma dessas palavras” (PANIKKAR, 2016, p. 265).

2. O valor das religiões

A partir dos seus estudos e observações, Panikkar proporciona uma mudança de mentalidade sobre as outras religiões, destacando que cada religião tem uma importância e precisa ser respeitada como tal. Nesse sentido, seu

trabalho nos abre para olhar a outra religião com respeito e descobrir a beleza existente também naquela expressão religiosa que, por sua vez, é diferente da outra. É necessário, pois, romper os preconceitos alimentados contra o mundo sagrado na diversidade das religiões.

Panikkar não é um escritor de gabinete, alguém que permanece na sua sala escrevendo por horas ou que passa o dia todo dentro de grandes bibliotecas pesquisando sobre uma determinada religião. Ele foi alguém que escreveu a partir do que viveu ao longo de sua experiência familiar e da convivência com as demais religiões que teve contato. "Alguém que não apenas se dedicou ao tema desde muito tempo, como viveu experiência de fronteira, avançando em áreas singulares do mistério do outro" (TEIXEIRA, 2018, p. 01).

Com essa abertura às demais religiões, Panikkar não está de forma alguma desvalorizando sua religião. Ele apenas tem clareza de que a manifestação do sagrado pode e acontece também em outras religiões, e que, a sua não é de forma alguma a única e mais perfeita e, por esse motivo, mostra a importância de respeitar as demais manifestações sagradas além da sua religião. "E viveu sua experiência sem muita angústia ou expectativa, com a tranquilidade de alguém que se encontra radicado na experiência cristã, mas aberto para viver a experiência da ultrapassagem" (TEIXEIRA, 2018, p. 01).

Na busca de conhecer e valorizar a religião do outro, não se pode, contudo, deixar de compreender que cada religião tem elementos singulares, como por exemplo os ritos de passagens e funerais. "Panikkar tem plena consciência do caráter de uma experiência religiosa, de seu traço único e singular, que não pode ser comparável a outra. Há nela um mistério que é intransponível" (TEIXEIRA, 2010, p. 368). No entanto, uma determinada pessoa pode reconhecer e fazer a experiência desse mistério intransponível em mais de uma religião. O próprio Panikkar enquadra-se dentro dessa realidade, o que ratifica que isso não é de forma alguma algo impossível. "Acredita ser possível alguém penetrar de modo 'existencial e vital' em outras cosmovisões, de encarnar-se numa outra cultura, de penetrar sua linguagem e partilhar o seu modo" (TEIXEIRA, 2010, p. 368).

Para que essa possibilidade seja real e concreta é necessário descobrir na outra religião a realidade da manifestação do sagrado que lhe confere um valor, de modo que também ela proporciona ao ser humano um caminho de vida nova, de salvação. "O pluralismo religioso não constitui, portanto, um mal a ser eliminado ou manifestação da pecaminosidade humana, e sim uma expressão viva da riqueza e diversidade da automanifestação de Deus ao gênero humano e a toda a criação" (DUPUIS, 1999, p. 08).

A teoria da religião defendida por Panikkar mostra a grandeza de Deus que pode se manifestar de vários modos, assim também, em povos diversos, sem diminuir em sua natureza divina espiritual. Essa posição é também compartilhada e defendida por alguns teólogos cristãos. "Certamente existem elementos de outras fés que estão em harmonia com a fé cristã e que podem ser combinados e integrados com ela" (DUPUIS, 1999, p. 519).

3. O diálogo entre religiões

O fato de compreender que em cada religião exista algo que precisa ser respeitado e valorizado já aponta para a necessidade de um diálogo com o diferente. Nesse sentido, passa a ser fundamental olhar para a outra religião buscando descobrir e reconhecer valores de edificação do ser humano.

Para a construção de abertura com uma outra religião é fundamental, diga-se uma vez mais, a suspensão de qualquer tipo de juízo sobre as outras religiões. Esse desafio elimina todo tipo de barreira como o exclusivismo e a certeza de que apenas a minha é a melhor e a mais perfeita em relação às demais. "O caminho revela-se na abertura para uma nova dinâmica relacional, que resguarde a particularidade de cada uma das tradições envolvidas. Não é um trajeto simples, mas importante e inevitável, doloroso, mas purificador" (TEIXEIRA, 2010, p. 374).

Nesse caminho de abertura para que se tenha uma frutuosa relação de diálogo com as outras religiões, é fundamental um aprofundamento primeiro das verdades e dos valores defendidos por sua própria religião; importante o conhecimento da doutrina da minha própria religião. Caso contrário, o diálogo não será continuado por faltar conteúdo que delimite o que seja realmente importante na sua religião. "Existem noções díspares de religião. Alguns são mutuamente contraditórios" (PANIKKAR, 2016, p. 262).

Por haver várias religiões, e conseqüentemente, uma variedade de entendimentos sobre o que seja realmente religião é que passa a existir a necessidade de não chegar a um fim a relação dialogal entre as religiões. Colocar um fim é na verdade fechar-se cada um do seu lado e não reconhecer valores e aprendizagens ao conhecer uma outra religião. "Esse processo não é pontual, mas contínuo e progressivo, e envolve abertura e paciência. É um caminho que está sempre se fazendo" (TEIXEIRA, 2010, p. 374).

A abertura à alteridade é caminho importante que tem muito a contribuir com os dois lados. Contudo, é precioso praticar o exercício constante da paciência e da coragem, para sair de si e descobrir a novidade presente também no outro, sem fazer nenhum tipo de julgamento. "Requer também muita humildade, pois deve estar animado pela consciência da contingência e do limite. Nenhuma religião é capaz de exaurir o campo da existência humana e das manifestações do sagrado" (TEIXEIRA, 2010, p. 374).

Também é fundamental deixar claro que, segundo o pensamento de Panikkar, o objetivo de uma abertura ao diálogo com outras religiões não deve ser realizado com vistas à conversão de ninguém a uma determinada religião. Não é no sentido de se fazer um caminho para aumentar o número de fiéis para a minha religião. "Trata-se de um diálogo mais existencial, sem intenção de convencer, mas sobretudo compreender o outro e deixar-se enriquecer por ele" (TEIXEIRA, 2010, p. 375).

A vivência desse caminho não tem como objetivo aumentar o número de fiéis de uma religião e provocar o extermínio de uma outra. O caminho do diálogo

go favorece para todas as religiões um crescimento em cada uma das religiões envolvidas, e então passa a existir um fortalecimento a partir da relação com as demais. “Cada vez mais os alunos sentem que, para serem firmes em sua própria religião, têm de se familiarizar com outras” (KNITTER, 2008, p. 21).

Na descoberta dos elementos essenciais das outras religiões, descobre-se também que em cada uma delas há uma maneira singular de reconhecer os seus respectivos fenômenos milagrosos, o que já deixa explícito que o milagre não é algo privativo de uma única religião. Esse fenômeno acontece em outras e é reconhecido e ratificado a partir de regulamentos de cada religião. “Cada tipo de religião parece ter suas próprias alegações de milagre, cada uma delas demonstrando a veracidade dessa religião” (WILKINSON; CAMPBELL, 2017, p. 415).

O fato do reconhecimento da presença de milagres em outras religiões deixa claro que nenhuma religião tem o direito de reclamar para si a certeza que somente ela cultua ou tem posse do Deus verdadeiro e as demais não têm. Até porque, Deus não é patrimônio de nenhuma religião exclusiva. “Quanto ao argumento de que os milagres podem ser encontrados em todas as religiões, poder-se-ia argumentar que Deus desejou revelar-se de diferentes modos através de diferentes religiões” (WILKINSON; CAMPBELL, 2017, p. 415).

E, em razão disso, é que nenhuma religião pode reivindicar para si o monopólio de Deus, ele não está preso em nenhuma religião. Desse modo, a relação de diálogo pode oferecer algo importante para a sociedade no que toca a uma relação de respeito com todos os seus membros. “O diálogo, portanto, não funciona como instrumento para um fim ulterior. Ele não tende, nem de uma parte nem de outra, à ‘conversão’ do interlocutor à própria tradição religiosa” (DUPUIS, 1999, p. 521).

Essa arriscada aventura deve fazer parte de cada religião, sobretudo travando uma luta, não contra a outra religião, e sim, na busca de dignidade para os membros de suas religiões. “Como sustenta Panikkar, ele é um fato importante, inevitável e urgente, mas também desconcertante e perigoso, pois coloca em questão o fundamento mesmo das próprias convicções” (TEIXEIRA, 2010, p. 377).

A urgência está em reconhecer que o ser humano é sedento de realização, de sentido. Com isso, os membros das religiões precisam descobrir que a salvação ou a sua realização não estão na religião a qual ele faz parte. “Religião é caminho pelo qual alguém, conscientemente, segue, buscando o seu fim, sua realização absoluta, a plenitude da vida. A vida como tal já é um caminho” (SUREKI, 2018, p, 1180).

Com isso, é necessário reconhecer que todas as religiões devem proporcionar aos seus seguidores certos mapas para que eles possam fazer esse caminho com mais segurança possível, e ao chegar ao ponto desejado, descubram a verdade que tanto almejavam. “É no caminho da vida que se experimenta a verdade, o que tem consistência, o que permanece. A verdade do caminho se confirma quando ele conduz à vida. A verdade da religião está em ser ela um caminho de vida para o vivente” (SUREKI, 2018, p. 1181).

Considerações finais

O pensamento de Panikkar sobre o tema da religião é valioso para a formação do ser humano nos tempos atuais. Primeiramente, para descobrir que a religião a qual cada uma pertença não é a única que existe. Ela é uma entre tantas outras que também oferece um caminho para chegar ao definitivo, ao encontro com Deus, o Sagrado, ou outra denominação.

De acordo com Panikkar, não pode e não deve existir religião anônima, pois cada religião tem posse de um nome, que por ser uma palavra passa a ter vida própria. É fundamental reconhecer o nome da outra religião que, igual à que pertença, também tem diretrizes de orientações, doutrina. É fundamental ainda deixar claro que nenhuma religião tem a posse da salvação. Cada religião oferece um caminho que conduz o ser humano a chegar à sua salvação.

A abertura ao diálogo para com as demais denominações religiosas é um imperativo do nosso tempo. Além disso, reconhecer que na relação de diálogo o outro não precisa pensar do mesmo jeito que penso, pois pensar diferente é enriquecedor, favorece o crescimento para ambos os lados. Desse modo, não deve existir na prática do diálogo egoísmo ou superioridade em relação ao outro.

Em síntese, por não existir religião anônima passa a ser fundamental reconhecer que cada religião é também possuidora de um depósito de valores, que, por sua vez, tem muito a contribuir com a busca de sentido que o ser humano procura incansavelmente. Por fim, para que a religião possa melhor viver em harmonia com as outras e contribuir com o homem e a sociedade, não pode deixar de haver um precioso diálogo respeitoso. Nesse diálogo, há crescimento de todos os lados. Panikkar mostra que deve-se respeitar cada denominação religiosa e estar aberto para conviver com todos, sendo fundamental ter consciência da própria religião de pertença.

Referências

DUPUIS, Jacques. *Rumo a uma teologia cristã no pluralismo religioso*. Tradução Márcia de Almeida, Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 1999. (Coleção pensamento teológico).

KNITTER, Paul F. *Introdução às teologias das religiões*. Tradução Luiz Fernando Gonçalves Pereira. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2008. (Coleção kairós).

OLIVEIRA, Manfredo A. *A religião na sociedade urbana e pluralista*. São Paulo: Paulus, 2013. (Coleção Temas de Atualidade).

PANIKKAR, Raimon. *Mística y Espiritualidad. Obras Completas I*, tomo I. Barcelona: Herder, 2015.

PANIKKAR, Raimon. *Religión y Religiones. Obras Completas II*. Barcelona: Herder, 2016.

SUREKI, Luiz C. *A religião do futuro e o futuro da religião: Aportes de Raimon Panikkar e Karl Rahner*. Belo Horizonte: Congresso Internacional da Soter, 2018.

TEIXEIRA, Faustino. Raimon Panikkar: A arriscada aventura no solo sagrado do outro. *Revista perspectiva teológica*, Belo Horizonte, v.42, 2010, p. 363-380.

TEIXEIRA, Faustino. Raimon Panikkar: O mergulho no mistério da alteridade. *Simpósio internacional filosofia – teologia & ciência da religião: diálogos inter-religioso e intercultural, no centenário de Raimon Panikkar*. Belo Horizonte, 2018.

WILKINSON, Michael B; CAMPBELL, Hugh N. *Filosofia da religião: Uma introdução*. Tradução Anoar Jarbas Provenzi. São Paulo: Paulinas, 2017.